HERMES

JORNAL DOS ALUNOS DA UNIVERSIDADE SÉNIOR DE GONDOMAR

ANO 5 • NÚMERO 33 • MAIO 2026

Editorial

— António Braz

Presidente do Conselho Executivo USG

O ano letivo 2025/2026 entra agora no seu último mês de aulas, e junho chega carregado de iniciativas. No dia 19 de junho, realiza-se a Festa de Final de Ano, um momento sempre especial, construído com a colaboração de alunos e professores.

A 22 de junho, teremos a honra de acolher o Encontro Nacional das Universidades Seniores, um evento que muito nos prestigia e que reforça o papel ativo e inspirador das nossas gerações mais experientes.

Já no dia 26 de junho, terá lugar o habitual passeio de final de ano, que desta vez nos levará até à Quinta do Cruzeiro, em Vila Praia de Âncora — um momento de convívio, partilha e alegria, que encerra da melhor forma este período letivo.

Quero ainda agradecer, uma vez mais, a solidariedade de todos nas duas campanhas que temos atualmente a decorrer: Pirilampo Mágico e Liga Portuguesa Contra o Cancro. Respondem sempre com uma generosidade que muito nos orgulha e que demonstra o espírito solidário que nos une.

Enquanto não nos despedimos para umas merecidas férias, desejo que o próximo mês de junho seja vivido com a mesma intensidade e entusiasmo que fazem da Universidade Sénior de Gondomar uma verdadeira referência — um espaço de encontro, aprendizagem e valorização intergeracional, que continua a crescer graças ao empenho de todos.

Bem-hajam!

O Livro - Um Enorme Bem Ameaçado

— Lino de Castro

Muitos dirão prazer, alguns excitação, outros, quiçá, amor. Haverá quem diga sentir paz ou calma, e quantas mais expressões surgirão, todas elas interligadas ou expressivas de outras sensações ou estados de espírito enquanto leitores. Nós, como coisa que gostamos de sentir, à semelhança de Erasmo de Roterdão que gastava muito dinheiro nas livrarias, então o preço dos livros assemelhava-se ao do ouro, poucas sensações nos entusiasmam tanto como comprar livros. Por amor à leitura. Por sede de saber mais. Na procura e, sobretudo, na descoberta de novas leituras, não só antecipamos como começamos logo a sentir o entusiasmo que vai tomar conta da nossa atenção quando começarmos a ler a obra que, naquele momento, nos atrai. E isso acontece porque poucas coisas nos satisfazem tanto como ler um bom livro. Acontece-nos o mesmo com as viagens, por isso se diz amiúde que planear férias pode chegar a ser melhor do que vivê-las. Com os livros, por vezes acontece comprarmos e lermos vários, até encontrarmos aqueles que parecem ter sido escritos

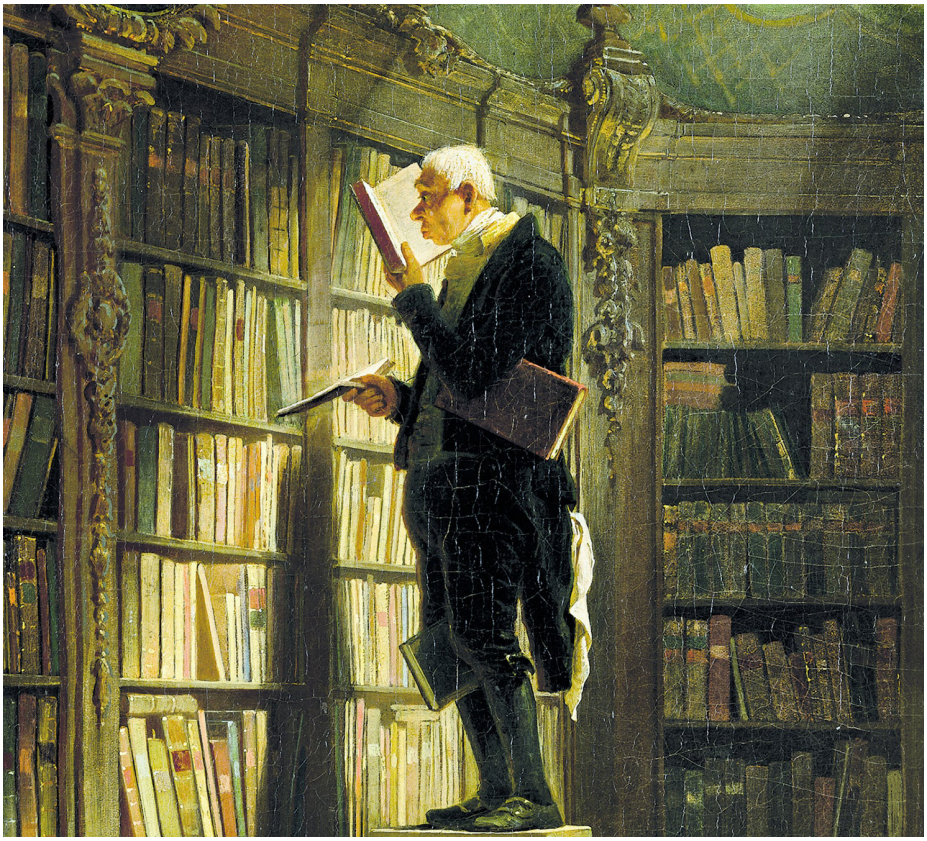
para nós - obras e autores que nos falam ao ouvido, como se nos conhecessem, e que nos oferecem tão, ou quase, perfeitamente aquilo que apreciamos, ou então nos mostram aquilo de que ainda não sabíamos que gostávamos, mas que passa a ser fundamental ou muito significativo para nós.

Não sendo por ventura capazes de salvar o mundo, os livros são das mais extraordinárias criações humanas de sempre, porque podem melhorar a vida de milhões de pessoas, por pouco dinheiro e durante vários séculos. Quem os lê, e se os guardar, manterá sempre ao seu lado amigos disponíveis para todo o sempre. Basta pensar em D. Quixote de la Mancha, de Miguel Cervantes, que há mais de quatrocentos anos demonstra a quem o lê por que motivos a Literatura, e a ficção literária em concreto, podem ser tão maravilhosas. O mesmo se pode dizer de Os Pilares da Terra, de Ken Follett, de As Mil e Uma Noites, histórias contadas por Xerazade a um sultão, a cada luar que se aproximava, de O Processo Histórico, do cubano Juan Clemente Zamora, ou de História do Declínio e Queda do Império Romano, de Edward Gibbon.

Livros assim não só seduzem como também enfeitiçam e arrebatam. Hospedam nos leitores um entusiasmo que o faz desejar voltar a eles a todo o instante, quando se veem obrigados a suspender a leitura para se entregarem a todas as inoportunas obrigações quotidianas, ou, até, a quaisquer atos diferentes de continuar a lê-los. A isso se referiu Marcel Proust há mais de um século, chamando divino ao seu prazer de ler.

Sabemos que ao tempo da Belle Époque outros atrativos eram muito distintos da atual concorrência digital, baseada em algoritmos construídos para viciar, rivalidade que hoje os livros enfrentam na vida das crianças, o que tem levado vários neurologistas a alertar-nos para o facto de estarmos a criar as primeiras gerações menos desenvolvidas, sob o ponto de vista cognitivo, do que os seus próprios pais.

É também por isso, e isso não é nada pouco, que vale a pena assinalar o Dia Mundial do Livro e celebrar a data. Bem decidiu a Unesco em 1995 ao concordar com a proposta espanhola de que o dia 23 de Abril passasse a ser uma celebração global da maravilha que, enquanto promotor do conhecimento e da empatia, o Livro e a leitura são representantes insubstituíveis, indispensáveis.



Esta comemoração ganha especial importância neste ano de 2026, tendo presente a realidade nos dias que correm, que em determinadas geografias vem sendo decretado proibir a leitura de certos livros, qual Index de livros hereges, ou incómodos. Atente-se no que vem acontecendo, a propósito, nas terras do Tio Sam. Até o cientificamente indiscutível A Origem das Espécies foi já algemado. Não por académicos ou intelectuais; sim por políticos esdrúxulos. Alguém, ensaísta, dizia há já vinte anos que estávamos a ser guiados, com tais seleções do moderno Index, por um «exército de patetas radiantes de estupidez e de uma ambição feroz», ... «imbecis reconhecíveis pelo mau gosto, pela incapacidade de usarem com bom senso e justeza o poder de que gozam».

Obras de autores como G. Garcia Márquez, George Orwell, Margaret Atwood, Júlio Verne, Camilo C. Branco, José Saramago, os irmãos Grimm, J. K. Rowling, Jorge Amado, Pablo Neruda, Charles Darwin, Yuval Noah Harari ou Mia Couto, este, além do mais, um carpinteiro de palavras, meros exemplos estes, não devem estar sujeitas ao veto cultural de decisores políticos, que não cultos e dedicados à cultura e saber humanos. Não devem, estes ou quaisquer outros autores. Mas como são eles quem maneja (e manipula) o Poder, podem sim, afinal. Infelizmente para os Livros e para a cultura. Contra as mentes sãs. Razão sobeja nossa para, em oposição a tais castradores da expressão literária, muito nos aprazer adicionar àqueles nomes também o da ficcionista e poetisa, e nossa estimada colega, Etelvina Ferreira, que, precisamente no Dia Mundial do Livro de 2022, nos presenteou com uma sua obra literária.

Poderão dizer-nos que de nada valem palavras, escritas em Livros, contra canhões. No entanto, conceda-se, sem favor, que foram sempre as ideias expandidas por eles (os livros) e os diálogos que delas resultaram, a terminar com guerras.

Segundo– 1 / 86400 do Dia

— João Paulo Pinto

Eu nunca vi um segundo. Os segundos são muito rápidos, bastante velozes e muito ligeiros. Todas as vezes que tento olhar para um segundo, nem que seja por um segundo, já estou um segundo atrasado. Os segundos não foram feitos para serem contemplados.

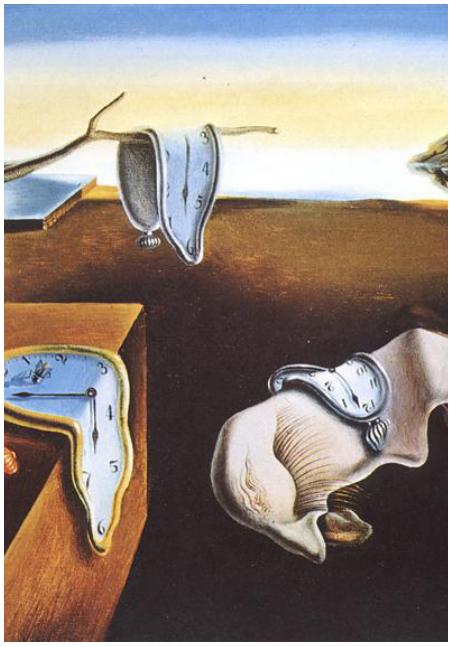
Os minutos, contudo, não. Os minutos podem ser vistos, contados e divididos. Basta olhar o relógio e lá está um minuto, por um minuto parado. No andar dos ponteiros o segundo é o tempo inquieto, móbil e agitado.

Também se podem avistar as horas. Elas, todas as horas, estão sempre na mesma hora e no mesmo horário. Já o dia não se encontra nos mostradores dos relógios. Não há relógio no mundo que nos mostre o dia, pois os dias são vislumbráveis na metamorfose colorida do céu, que todos os dias se move por sobre a nossa cabeça nos campos, nos desertos e cidades.

Os anos, por sua vez, já têm o seu lugar e espaço no interior dos calendários, e quando, de ano em ano, se comemora algum aniversário. Porém, nunca vi ninguém celebrando ou festejando os aniversários dos segundos. Parece até que os segundos não têm Natal, ou sequer, em algum tempo, foram gerados. Mas o segundo, como tudo na vida, num instante nasce, vive, envelhece e morre.

Nunca fui ao batizado ou ao enterro dos segundos. Já frequentei inúmeros velórios e funerais. Em alguns fiquei poucos minutos. Noutros, mais de uma hora. Os dos meus pais iniciaram-se na noite do dia anterior e eles foram sepultados na tarde do dia seguinte. Não creio que existam exéquias que durem apenas um segundo.

Apesar disso, não existiria o tempo se não houvesse segundos. Sem eles o ponteiro do minuto não andaria e, assim, as horas também



não. Sem as horas o que seria dos dias? E, na ausência dos dias, também não teríamos as datas e os anos. E na falta dos anos, como iríamos celebrar aniversários? Já pensou casar-se com uma pessoa sem saber a idade que ela tem? E como iria, então, saber se posso tirar a carta de condução, votar, ser maior de idade, aposentar-me por tempo de serviço e obter o dístico de idoso para colocar no carro? O mundo ia ficar mais confuso do é e já está. E tudo ia virar de pernas para o ar. E o tempo da vida ia ficar todo destrambelhado.

Não! Embora não vejamos o segundo passar, ele é por demais necessário. Dizem até que, em média, um adulto inala e exala o ar em quatro/cinco segundos de cada vez. Usain Bolt, por outro lado, quebrou o recorde mundial dos 100 metros com 9,58 segundos.

Se alguém por aí encontrar um dos meus mais de um bilião de segundos vividos, é favor devolvermos. Pode-me localizar um segundo depois de passar pelo primeiro minuto, que fica no quarto da hora que está no meio do dia, no fim do corredor do ano, virando à esquerda da sexta década, e indo até ao século passado ao vigésimo sexto dia do sexto mês do calendário anual onde comemoro mais um aniversário.

Inglês I

— Prof.ª Cidália Freitas

Se perguntarem o que me levou a integrar a U S G, em 2017, e começar a leccionar a cadeira de Inglês, digo que foi o facto de me ter aposentado. Para além disso, também poder preencher algum tempo livre, poder dar o meu contributo em partilhar com os outros os meus conhecimentos, e ao mesmo tempo procurar alguma realização pessoal e dar uma continuidade na minha área profissional.

Preparar as aulas, pensar como abordar este ou aquele tema, como atingir o objectivo a que me propunha, isto é, concretizar um bom trabalho.

Os alunos que tenho hoje, quando vão para uma disciplina é porque querem aprender ou reaprender uma língua ou temas, ou porque nunca tiveram essa oportunidade.

Constato, que as pessoas são “Felizes “, quando aprendem algo diferente.

Quanto a mim, o meu principal objectivo, é que os alunos consigam acompanhar-me, nem que eu tenha de repetir, de falar devagar, ou de traduzir. Fujo um pouco da gramática, pois é mais complicada, mas não o posso evitar. De vez em quando, lá aparece um exercício e há que relembrar os verbos, e fazer a respetiva concordância.

Penso, que alguns participantes têm necessidades que vão para além das aulas, como tal a necessidade de se libertarem da solidão e estarem junto das pessoas de quem gostam, o que leva com que possa haver um intercâmbio de solidariedade, de amizade, de companheirismo.

Em termos de conclusão, posso dizer que sinto um enorme prazer de lidar com as pessoas, razão porque enveredei pelo voluntariado, sendo uma maneira de nós próprios sermos mais felizes, e também tornarmos os outros.

Tenho de agradecer a todos o vosso contributo.

Uma história por detrás do quadro: À Porta da Escola (1897) - Nikolay Petrovich Bogdanov-Belsky

— Tétis ao Luar

Chamavam-lhe Misha, embora há muito ninguém pronunciasse o seu nome com ternura. Desde que a guerra engolira a sua aldeia, o menino caminhava sozinho por estradas de lama, bosques queimados e campos onde apenas restavam troncos negros como carvão. Levava às costas uma sacola com misérias e no bolso uma maçã seca que guardava havia semanas, a última coisa que a mãe lhe dera antes de desaparecer entre a multidão em fuga.

Misha aprendera a dormir em celeiros abandonados, a beber água das poças limpas pela chuva e a desconfiar do silêncio. O silêncio era pior do que os tiros. Os tiros vinham e passavam. O silêncio ficava.

Certa manhã de inverno, depois de atravessar uma floresta coberta de neve, viu algo estranho ao longe. Um edifício pequeno, de madeira, com uma única janela por onde entrava a luz do sol e uma porta aberta que deixava adivinhar uns vultos imprecisos. Parou imediatamente. Não parecia uma casa comum. E ouviam-se vozes: vozes de crianças.

Aproximou-se devagar, como um animal ferido que teme armadilhas. As botas rasgadas afundavam-se na neve. O vento mordia-lhe as mãos. Quando chegou ao portão de madeira, ficou imóvel.

Sobre a porta havia uma tabuleta simples: “Escola”.

Misha não sabia ler muito bem, mas reconheceu a palavra. A mãe ensinara-lha, uma vez, desenhando letras na farinha espalhada sobre a mesa

Nunca tinha entrado numa. Na sua aldeia, as crianças trabalhavam cedo. Guardavam cabras, cortavam lenha, transportavam água. O pai dizia que aprender a ler era luxo de gente rica. Ainda assim, às vezes, Misha imaginava salas cheias de livros como os que via nos calendários antigos.

Pela janela, viu crianças sentadas em mesas pequenas. Um rapaz ria-se enquanto mostrava um desenho. Outro levantava o braço para responder a uma pergunta. Havia um fogão aceso. Havia calor. Havia pão em cima de uma mesa.

O menino sentiu algo estranho no peito. Não era fome. Era uma dor diferente. Como se o coração se lembrasse subitamente de que ainda era criança.

Deu um passo atrás. Estava sujo demais. Magro demais. Tinha medo que o expulsassem. Depois ganhou coragem, - a curiosidade venceu o medo – aproximou-se do umbral da porta e ficou ali, hesitante, com os pés colados ao chão molhado pela neve derretida. Os raios do sol caíam sobre ele como um manto dourado, revelando-lhe as roupas gastas, os joelhos rasgados das calças e o rosto encovado de quem aprendera cedo demais o peso do mundo.

Lá dentro, as crianças tinham parado de falar. Misha sentiu o coração bater-lhe tão depressa que pensou fugir outra vez para a estrada, para o bosque, para o frio — porque o frio já o conhecia, mas aquela cena inesperada seduzia-o mais do que a fome.

Então aconteceu uma coisa surreal.

Um menino de cabelo encaracolado levantou-se da carteira e caminhou até ele. Trazia nas mãos um pedaço de pão escuro ainda morno. Não disse nada. Apenas estendeu o pão na sua direção.

Misha olhou desconfiado, mas depois pegou no pão com cuidado, como se fosse algo frágil demais para mãos como as suas. O cheiro quase o fez chorar. Durante segundos não conseguiu comer; limitou-se a apertá-lo junto ao peito.

A professora sorriu discretamente e aproximou-se.

— Tens frio?

Misha abanou a cabeça por orgulho, mas os dentes traíram-no ao baterem uns nos outros.

A professora pousou-lhe uma mão no ombro. — Aqui aprendemos muitas coisas — disse ela. — Ler, escrever... e também a cuidar uns dos outros.

Depois conduziu-o até junto do fogão de ferro. O calor subiu-lhe pelas pernas como se a vida regressasse lentamente ao corpo. O menino fechou os olhos por um instante. Sentia o cheiro da lenha, da sopa de batata, da tinta dos livros novos. Sons simples. Sons de paz.

Na parede havia mapas, desenhos de flores, letras grandes pintadas a azul. Misha olhava tudo com espanto silencioso, como quem descobre um país secreto escondido no meio do mundo destruído.

Pela primeira vez, em muito tempo, o menino sentiu que talvez a esperança se escondesse neste lugar e que o mundo não tivesse sido feito apenas para fugir, mas também para ficar.

Perdição

— Etelvina Sousa Ferreira

Fui romã, numa boca desejada,
Segredo doce em rosto que sorria,
Sumo rubro a escorrer na madrugada
Que na fome dos teus beijos se perdia.

Fui brisa leve em pele arrepiada,
Fui chama breve, ardente, consumida,
Fui verso solto em voz apaixonada
Que no eco do teu nome se fez vida.

Fui maré cheia em corpo que chamava,
Fui sombra leve em noite estremecida,
Fui noite inteira que em ti se demorava,
Pois na luz do teu olhar fiquei perdida.

Fui fruta aberta ao toque do desejo,
Fui vinho antigo em taça partilhada,
Fui a sede que na ânsia do teu beijo
Em tua boca fiquei presa, enfeitiçada.

Conforme Respiro

— Milú Almeida

Se o vento te deseja
como eu te desejo,
abre a janela,
respira um poema,
faz pela vida e deixa,
sobre uma salva de prata,
um beijo sem fôlego,
uma carta escrita
sobre um canto alentejano,
o calor do sol sobre a tua pele,
e uma gerbera amarela
dentro da cesta.
Depois, no silêncio, pede
um pão com manteiga
e voa livre pela manhã
com passos de dança
e o ar distraído
como se fosses criança.
E quando a lua
se sentar sobre o telhado,
acaricia, com a tua mão,
o cometa que passa,
e bebe copos de ilusão
e letras que andam descalças
no som das minhas tranças
de amor, que brilham conforme respiro.
E ..., está tudo feito e tudo dito!

A infância e a aprendizagem em três episódios: As Laurindas

— Margarida Rodrigues

Primeiro Episódio

A infância é, porventura, a lembrança que mais se guarda. Talvez porque de lá, dessa longínqua imagem, nos chegue ainda a nós deste lado do mundo, onde ainda é possível o sorriso da nossa mãe, o afago doce das mãos do nosso pai, a ingenuidade bela dos amigos que trocavam um abraço simplesmente por outro abraço.

Pois, é dessa infância que acordo tempos adormecidos e que recordo as Laurindas, como uma espécie de folhas nos ventos da memória, trazidas de quando em vez como uma breve passagem pelo tempo.

Ter uma Laurinda na infância não é fácil, ter duas é ainda mais difícil, mas ter três é uma bênção!

A primeira Laurinda que conheci vivia no rés do chão da casa geminada à minha. No quintal das traseiras havia um muro com cerca de um metro de altura, que separava as duas casas.

A sra. Laurinda Pimpona era casada com o sr. Álvaro e tinham 6 filhos, 4 raparigas e dois rapazes, dos quais só me recordo bem dos 3 mais novos que, enquanto solteiros, viviam com os pais.

Do sr. Álvaro tenho a memória de um homem de estatura média, magro, sentado, nos dias de sol, numa cadeira no quintal, sempre a fumar e a ouvir rádio.

A sra. Laurinda tinha uma figura engraçada. Muito redonda, cara simpática, saia, camisola, avental, uns socos, e sempre com um lenço amarrado na cabeça. Trabalhava na casa da D. Maria Lameirinhas, em Vila Nova, um lugar com mais 4 casas de lavoura – os Chotas, os Capadores, os Mouras e os Moutas. A D. Maria era uma senhora abastada, de fino trato e apelidada de bondosa. Era proprietária da fábrica das bolachas e de outros estabelecimentos no Porto. Nos lugares de Vila Nova e Vinhal tinha muitas propriedades, prédios rústicos e urbanos. Era familiar direta do Eng. Sousa Veloso, conhecido apresentador do TV Rural, programa de referência na RTP nos anos 60/70. Não tinha filhos, mas muitos dos designados afilhados e sobrinhos e alguns trabalhadores que tratavam diariamente dos campos de cultivo, árvores de fruto e ramadas pertencentes à senhora eram os seus filhos de adoção.

A sra. Laurinda, entrava muito cedo ao serviço e cerca das 14horas voltava para casa. Os trabalhadores e jornaleiros almoçavam na cozinha da casa, numa grande mesa de madeira com tampo de mármore, com muitas cadeiras. Fui lá algumas vezes com o meu pai a fazer qualquer recado, e aparecia a senhora com um pacote de biscoitos com várias formas, da confeitaria Villares, o chamado biscoito fino.

Eu achava piada à sra. Laurinda, mas principalmente à casa, que apesar de no aspeto exterior ser semelhante à minha, de facto o seu interior, e principalmente a parte de baixo, em nada se comparava. A cozinha ficava separada da restante parte da casa, sendo o chão em terra batida, muito preta. Quando ela regressava a casa, ia lavar a roupa a um tanque público que havia próximo e estendia as roupas (enormes aos meus olhos) em cordas no quintal da casa. Ora, como os quintais eram contíguos e eu brincava no quintal de casa, assim que a via perguntava:

- Posso ir para sua casa brincar com os gatos?

Por vezes perguntava à minha mãe, outras vezes não, pois já sabia qual era a resposta:

- Até parece que não tens casa! Vais só um bocadinho, mas quando eu chamar já sabes. E não te sujes!

De facto, eu tinha uma casa com um bom espaço para brincar, mas não tinha os gatos, nem o chão em terra, assim como a casa de banho no exterior. Saltava o muro, onde havia uma pedra a fazer de degrau. Tantas vezes lá esmurrei os joelhos! O que não me importava, pois adorava pôr tintura de iodo(mercúrio). Também torci os tornozelos!

Claro está que ouvia sempre um ralhete da minha mãe, mas eu não dava grande importância.

Eu queria era ir para a cozinha da sra. Laurinda, onde havia um encantamento que não encontrava na minha casa, a começar pelo chão e depois um pequeno postigo na parede lateral. Mas o melhor dos melhores era a caixa de folheta bege com pintas vermelhas onde se guardava a broa. E eu ficava tempos infindáveis a abrir e fechar a porta da caixa.

- Queres broa? Perguntava a sra. Laurina. Eu não tenho pães como a tua mãe.

- Obrigada, mas daqui a pouco vou lanchar. Só se for um bocadinho para a noite.

A verdade é que eu não gostava de broa, mas tal como me tinham ensinado, não podia ser mal-educada. O meu pai ensinou-me que, por uma questão de educação, quando me ofereciam alguma coisa que eu não gostasse deveria aceitar, agradecer, levar para casa e, então, aí resolvia-se. Por esta razão tive alguns dissabores, pois, a Srª Laurina, insistia em dar-me um quadrado de chocolate negro. Detestava, mas nunca comi e, ainda hoje, sinto arrepios só de pensar nisso.

- Guidinha, a tua mãe está a chamar! Gritava o Sr. Álvaro.

Lá regressava a casa, ligeiramente inconformada e pedia – Mãe, podíamos ter um gatinho, e assim já escuso de ir para a sra. Laurinda, e também podíamos ter uma caixa para guardar o pão como ela.

- Era o que mais me faltava. Os gatos fazem-te mal à garganta e a caixa é que nem pensar. Eu não gosto nada dessas coisas. Há sacas de pano bem bonitas aqui em casa e podes aprender a bordar um desenho que gostes mais. Eu não te disse para não te sujares, olha lá esses joelhos!

Ficou-me sempre o fascínio pela caixa do pão e quando, logo depois de casada, a minha irmã Rosita me ofereceu uma de madeira, fiquei muito contente. Mas de facto ocupava tanto espaço que rapidamente a guardei. Mais tarde serviu de ga-

ragem para os carros pequenos do meu filho. Ainda a tenho, mas agora com pincéis e lixas, guardada nos arrumos da garagem. Não lhe dei, nem dou, a devida utilização, mas sou incapaz de me desfazer da caixa.

«...às vezes, é preciso desobedecer...»

— Maria Cecília Santos

Este foi o mote que proporcionou a escrita do seguinte texto.

Muito antes de ter chegado aquela manhã radiosa, aquele dia tão esperado, a sociedade portuguesa, grosso modo, e nós jovens adolescentes nela incluídos(as) deixávamos passar, tranquilamente, a água do rio a caminho da foz. Ouvíamos contos radiofónicos, íamos à escola, brincávamos, namorávamos e, na Noite da Consoada, jogávamos o rapa em família.

Depois quando a televisão entrou em casa, a rádio perdeu interesse para uma grande maioria das pessoas, desassossegou a vida familiar descolorando-a, ou seja, acinzentou-a à imagem da cor projetada no écran.

Nas escolas e liceus de então, usávamos uma bata branca ou de cor, conforme o respetivo estabelecimento de ensino e curso selecionado, respeitávamos os (as) docentes, cumpríamos horários e regras rigorosas. Esperávamos pelos (as) professores(as) em silêncio e em fila, junto à parede da sala de aula. Chegado o(a) docente, o funcionário(a) de serviço no piso abria respeitosamente a porta para que entrasse, seguido(a) pelos(as) alunos(as)que pareciam imitar a calma aparente reinante. E a porta da sala de aula fechava-se.

Ia começar a lição!

Convirá acrescentar um mero exemplo daquele passado escolar sombrio, triste, para milhares de crianças e adolescentes. Recordo a aula de Língua Portuguesa, no 6º ano do liceu. Decorridos os primeiros minutos necessários a que todas se acomodassem sem fazer barulho, abríamos os cadernos e escrevíamos o sumário. Continuávamos a estudar a Literatura Medieval: Cantigas de Amigo, de Amor, de Escárnio e de Maldizer. E, como era hábito, escrevíamos os apontamentos ditados pela docente. E assim continuávamos! A metodologia seguida era esta e as estratégias pouco variadas. Uma ou duas vezes, as mesmas alunas, de sempre, liam uma cantiga e depois analisavam-na. Sempre as mesmas! «Ai flores do verde pino...» As restantes alunas ouviam. O trabalho da docente era reduzido ao mínimo necessário e, consequentemente, o das alunas. Obedecer, obedecer! Ouvir, ouvir! Calar, calar!

No entanto, a revolta latente tornava forma durante os intervalos. Fugir à monotonia da sala de aula. E lá íamos nós, corríamos até ao degrau da Capela, onde nos sentávamos, longe da vista, e para fazer o quê? Fumar um cigarro ou pintar os olhos com sombra azul ou verde e aplicar uma máscara de pestanas fantástica, que ia sendo experimentada, à vez, por umas e por outras.

À nossa maneira e na medida do possível, desobedecíamos. Mas, se tivéssemos a disciplina de Grego (que nos punha completamente gregas), só se desobedecia, fumando. Pois, a docente, uma respeitável senhora, que dizia «catar» em vez de «procurar», não permitia nas suas aulas os olhos pintados, pois se assim fosse mandava sair e lavar a cara.

Assim, naqueles velhos tempos, estas e outas inocentes desobediências vivenciadas não provocavam danos relevantes, apenas novas aprendizagens revestidas de diferentes experiências.

Pelo contrário, nos dias de hoje, é muito mais fácil para os adolescentes, desobedecer aos pais, aos docentes... A invasão da tecnologia viciada nas redes sociais ajuda a isso mesmo, e de que maneira!

Se, por outro lado, desobedecer significar experimentar, estimular a curiosidade, acabar com a monotonia solitária de algumas vidas sem sentido, sim, convirá encontrar novos caminhos, outros sentidos, desfrutar de vivências individuais e coletivas, mas desobedecendo sempre!

Mudam-se os Tempos... Mudam-se as Vontades.

— Etelvina Sousa Ferreira

Na minha infância, outros tempos, a morte era, para mim, e suponho que para todas as crianças, um assunto que não me preocupava. Nessa idade não existiam culpas ou julgamentos e, por isso, um evento fúnebre era um acontecimento natural que, por vezes, até chegava a ser divertido.

Antigamente os funerais eram realizados em casa e envolviam toda a comunidade. Esse costume, em oposição aos dias de hoje, refletia uma forte ligação familiar e comunitária.

Lembro-me com precisão do funeral da minha avó paterna, embora alguns rituais me tenham sido contados depois, quando a minha curiosidade por tudo e por todos começou a desabrochar. Na altura eu teria treze anos e posso confessar que a morte da minha avó não me afetou por aí além, como a seguir podereis verificar. Não é que eu fosse insensível, mas a idade e a inocência contribuíram, de certo modo, para essa vivência. Resta-me dizer, a título de desculpa, que o relacionamento com esta avó era muito ténue, apenas com visitas esporádicas, e quando lá ia ficava muito contente por brincar com as primas que viviam na mesma casa.

Não sei se o meu pai já lá se encontrava aquando da morte da mãe. Mais tarde fiquei a saber que tinham retirado todos os móveis da sala, apenas deixaram uma mesa onde seria colocada a defunta e, à volta da mesa, encostadas às paredes, uma série de cadeiras onde o pessoal se sentava. Naquela altura o morto era vestido dentro do quarto e depois passavam-no para dentro do caixão. A mesa onde em dias de festa se juntavam as famílias a comer também servia para expor o morto, depois de coberta com lençóis brancos. Nas laterais do caixão abundavam as velas acesas, uniformemente distribuídas.

Aquele dia foi, para mim, um acontecimento tão marcante que ainda hoje as imagens repassam na minha memória.

A casa tinha umas escadas em granito, largas, que davam acesso à habitação e as pessoas subiam e desciam num corrupio constante. Não sei o que se passava lá dentro, mas as idas e vindas à cozinha eram muitas pois era costume distribuir café e aguardente às pessoas que ficavam a velar o morto durante a noite. A minha tia ou outro familiar estavam sempre a passar com uma cafeteira na mão.

Sentadas nas escadas, ao longo do corrimão, eu e as minhas primas, ouvidos à escuta, riamo-nos do que se passava na varanda ao cimo das escadas. Aí os homens amontoavam-se, por vezes desciam, pois, o soalho poderia ceder com tanto peso, e contavam histórias, algumas delas que nós não percebíamos, mas mesmo assim serviam de aperitivo para soltar risos da nossa parte. Lá dentro, em momentos de mais silêncio, ouvíamos as rezas das mulheres a acompanhar o corpo na sua subida aos céus.

A certa altura da noite alguém se lembrou das crianças e o divertimento acabou, pois fomos trazidas para a minha casa, onde nos obrigaram a dormir. A noite serve, principalmente, para as crianças dormirem o sono dos justos.

Hoje imagino as cenas que a aguardente, contida num garrafão de cinco litros, terá provocado. Acho até que alguns lá iam só para beber e comer porque naquela altura a fome era um apanágio dos pobres e na minha freguesia havia muita miséria.

Durante o período de luto a casa mantinha um ambiente de respeito e silêncio. Os espelhos eram cobertos com panos escuros, em alguns casos paravam-se os relógios, e as janelas das casas dos familiares mais diretos eram fechadas.

As mulheres da família, especialmente viúvas e mães, vestiam de negro e mantinham esse luto rigoroso por meses ou anos.

Com o tempo, o costume dos funerais em casa foi sendo substituído pelos velórios em capelas mortuárias. O crescimento da urbanização, a mudança do estilo de vida e a profissionalização dos serviços fúnebres contribuíram para essa transição.

Este costume antigo mostra como a morte era encarada de forma mais próxima e coletiva, contrastando com a modernidade, onde muitas vezes o luto se torna um processo mais individual e discreto.